

O prazer de ser-se pequeno

Acabemos com os preconceitos sobre as crianças

EZIO ACETI*

S. João Bosco, o santo da educação, dizia que «educar é uma coisa do coração», entendendo por “coração” a parte mais profunda e íntima do ser humano. De facto, o coração é, na Bíblia, a sede central da pessoa, onde a inteligência, vontade e sentimento se encontram numa harmonia especial. E é mesmo assim, pois cada progenitor quer o maior bem para os filhos, procurando dar tudo de si mesmo na relação educativa. Então, antes de entrarmos nas diversas atitudes e diferentes estratégias educativas, procuremos “**purificar o coração**”, tornando-o capaz de amar. Para nos prepararmos, cito um antigo filósofo que, no meu entender, nos indicou a melhor maneira de conhecer a realidade e vivê-la: **Sócrates**. Este filósofo grego notava que os deuses da antiga Grécia frequentemente diziam, entre eles, coisas contraditórias; por isso, ele intuía que a verdade nunca pode estar de um só lado, sendo por isso preciso pôr tudo em discussão. Sócrates descobriu que em cada um de nós se escondem ideias e concepções que nos impedem de conhecer e amar: são os preconceitos. Os preconceitos são ideias erradas sobre as pessoas e as coisas e que são fruto de velhas categorias e de maneiras de pensar ... e tendenciosos. Na aproximação educativa, há três grandes preconceitos que, a longo prazo, são um empecilho para a verdadeira relação, impedindo-nos de fazer educar bem os nossos filhos.

1. O carácter. Quantas vezes ouvimos dizer que uma criança tem um mau carácter. Na realidade, estas afirmações são falsas. Não há um bom ou mau carácter. Há o nosso carácter, há o carácter dos nossos filhos, o qual, quando somos donos de nós próprios, é esplêndido, pois nos ajuda na vida; vice-versa, quando não somos donos de nós mesmos, torna-se ... e

negativo. O filósofo francês, Blaise Pascal, dizia: «Muitas vezes, o homem é uma besta, outras um anjo...». É preciso considerar o carácter como uma inclinação natural que, se for bem gerida, pode realizar boas relações consigo mesmo e com os outros. Se se continua a dizer a uma criança que é mau, crescerá mau; vice-versa, se lhe dissermos que é bom, crescerá bom e positivo... Assim acontece também connosco quando vamos a um lugar onde estão dez mil Pessoas. Se elas forem positivas e nos encorajarem, também nós nos tornaremos positivos.

2. A relação. Na relação com os nossos filhos é frequente pensarmos que temos razão, Mas isso é falso. Na realidade, numa relação ambas as partes têm as suas razões. Mesmo se a criança parece agir erradamente, ele age assim segundo uma lógica egocêntrica, a qual se deve mais ao seu modo de raciocinar e de ver as coisas, do que a qualquer intenção egoísta ou negativa. É importante portanto recordar que também a criança tem as suas razões.

3. O amor: existe ou não existe! Este é um preconceito perigoso. Quantas vezes já sentimos repulsa por alguém ou experimentámos sentimentos negativos para com os nossos filhos, mas procurámos agir diferentemente, tratando-os bem, porque, sentindo embora a dificuldade de os amar, com a inteligência e a vontade procurámos amá-los igualmente? Então, é preciso dizer que o amor se educa e que é sempre possível amar!

Portanto, temos de purificar o coração... porque, com o coração puro e livre, ficará em nós apenas a essência da educação, isto é, a admiração e a maravilha.

* *Psicólogo da idade evolutiva*

Toda a criança tem o direito a crescer bem

Para ajudar cada criança a realizar-se, os adultos devem ajudá-la a “manter a rota”, mesmo nas dificuldades, e acreditar nas suas potencialidades.

RICARDO BOSI*

Sem querer abordar o drama das crianças com problemas sérios e doenças graves (discurso à parte que nunca deve ser banalizado), nós pediatras vemos muitas crianças com somatizações de ânsias, recusas da escola e rostos estressados. E por vezes há razões para tal (por exemplo, viver com uma escoliose pode ser um ato heróico), mas algumas dificuldades nascem por coisas de nada, como o medo de tomar uma vacina, quando acompanhada por uma frase do tipo: “Doutor, se fosse possível ser eu a dar a injeção!”, dita por adultos superprotetores.

É instintivo querer evitar qualquer desconforto aos próprios filhos, como um “direito” que devemos garantir sempre e seja de que maneira for. Mas as coisas não funcionam assim. É útil procurar outras pistas para restituir à emoção chamada prazer o seu sentido mais verdadeiro e profundo: bem-estar, curiosidade, espanto, despreocupação, alegria de viver (v/ artigo p. 18 de *Big*).

Vêm-me à mente dois direitos – por vezes verdadeiramente “esquecidos” – que devem ser tidos em consideração. O primeiro é o de poder olhar de frente a dor, para aprender como superá-lo; o outro é o direito a não ser tratado como “frangos de aviário”.

A dor é um mestre severo, por vezes até assustador como a noite. Um pediatra sabe isto muito bem. Todavia, se pudermos partir a concha, como a raiz faz quando está dentro de um vaso pequeno, essa é uma experiência que pode dilatar a mente e o coração. Substituir-se às crianças, sempre que chega uma dificuldade, não ajuda nada: elas não são “bambocci”, elas sabem que têm limites, envergonham-se de chorar e espreme sem motivo... O que elas esperam de nós adultos – para além de um amor sem limites

– é o segredo de como superar essas dificuldades: medos, ciúmes, caprichos, derrotas, ou a canseira de fazer bem uma tarefa.

Contai-lhes as vossas histórias, desdramatizando-as e rindo-vos com eles, sempre que possível, mas sem nunca lhes tirar o sacrossanto direito de olhar de frente para os problemas, o direito de errar e de recomeçar. É o preço do crescimento. Como dizia Óscar Wilde: «A experiência é um professor difícil, porque primeiro faz-te o exame e só depois é que te ensina a lição».

O direito a não ser “frangos de aviário” significa uma série de coisas: direito à rua, à selva, à natureza, a construir e reparar qualquer brinquedo com as próprias mãos, a não ser postos diante da TV ou a jogar videogames e a beber bebidas gasosas (como se fosse para a engorda), a não ser tratados como adultos antes do tempo. James Hillman, psicanalista junghiano, defende que em cada criança há uma pequena semente – chame-se identidade, desígnio, carácter ou vocação – pronta a tornar-se uma grande árvore, mas deve ser deixada livre de crescer, mesmo que isso custe fazê-la sofrer um pouco, nas pequenas/grandes provas da vida.

Ensinar é manter a rota do seu minúsculo barco, quando o mar das dificuldades se tornar alteroso, e ter fé na semente dentro de cada criança. Para abrir a porta desse prazer autêntico que é sentir-se únicos, especiais, destinados a dizer e dar algo de original ao mundo, há duas chaves, que o génio de Steve Jobs nos legou: «Stay hungry, stay foolish!» É verdade: para fazer com que as coisas avancem, nada melhor do que sermos um pouco famintos e um pouco loucos.

**Pediatra: colabora em instituições para menores emigrantes e ciganos.*

O prazer de aprender

PATRÍCIA BERTONCELLO*

Nas últimas décadas, os estudos de psicologia e pedagogia sobre a motivação para aprender tiveram um grande desenvolvimento. Não é possível, em poucas linhas, apresentar uma síntese, mas as indicações metodológicas que se seguem, de certa maneira, pressupõem esses estudos.

Para professores e educadores não é fácil suscitar, nas crianças e adolescentes com que se trabalha todos os dias, o prazer e o gosto de aprender. Todavia, todos temos consciência de que é essencial, especialmente nos primeiros anos de escolaridade, propor percursos didáticos envolventes e motivadores que possam determinar uma boa abordagem ao estudo, os êxitos escolares e, em geral, o desenvolvimento da capacidade de enfrentar as várias tarefas de aprendizagem, implícitos em todos os processos de crescimento.

Em que é que devemos apoiar-nos para que a motivação da aprendizagem seja “interiorizada” pelos nossos alunos? O processo de interiorização tem as suas raízes em três necessidades de base: autonomia, competência (porque as formas de comportamento melhor interiorizadas são mais flexíveis e eficazes), e estar com os outros.

Ainda que, nos contextos escolares, a “aprendizagem pela descoberta” – como a definiu Bruner – apenas em parte pode ser implementada, é sempre importante tê-la presente, pelo menos como abordagem metodológica. Será preciso então organizar a actividade didáctica, de tal maneira que ela responda sempre a perguntas, necessidades e interrogações reais dos alunos. Para suscitar e manter a sua curiosidade, podem desempenhar um papel determinante as novas tecnologias multimédia, oportunamente utilizadas pelos professores.

Qualquer intervenção didáctica, por melhor que seja, nunca satisfaz plenamente a curiosidade das crianças, de tal modo que, no final de cada percurso, elas tenham mais perguntas do que as que tinham ao início. É esta a característica dos processos de investigação científica: é importante deixar experimentar, permitir que façam, que experimentem, que estraguem, que ponham hipóteses e... fazer tudo isto em conjunto com outros.

O prazer e o gosto de aprender são fortemente incentivados pelo facto de poder fazê-lo juntamente com os da mesma idade e com o professor que é o primeiro a mostrar

interesse e motivação pelas actividades propostas. Uma criança pode adquirir interesse em aprender e sentir prazer nos processos de aprendizagem, se o professor o ajudar a construí-lo. E é possível potenciá-lo e aprofundá-lo mediante o envolvimento em actividades cujos objectivo e significado a criança possa compreender e que, exigindo um empenho levemente superior ao próprio nível de conhecimento, podem representar um desafio, não uma ameaça de insucesso. Também neste caso, é determinante a função positiva de encorajamento do professor.

* Professora do primeiro ciclo

O conselho da avó

MARINA ZORNADA*

Eu era uma jovem mãe, quando li um pequeno livro de um grande professor, Pino Quartana. Que surpresa descobrir que a atenção não se centrava sobre a criança, mas sobre os adultos. Compreendi que as crianças gostam de ir à escola, encontrar um grupo de colegas com quem se podem identificar. Se não gostarem de ir, isso quer dizer que há algo que não está bem com elas. O mal-estar pode ter a ver com a escola (um colega maldoso ou um professor demasiado severo), mas também pode ter a ver com a família: se aqui não há um clima sereno, tudo de descarrega sobre a criança.

As creches e os infantários são os lugares do primeiro impacto das crianças com a escola. Uma boa prática é que, nos primeiros dias, haja a presença duma figura familiar que ajude à criança a ganhar confiança com as educadoras e o ambiente escolar. Recordo-me de eu própria ter feito a inserção da minha primeira netinha. No início, chorava, mas bastou pôr o despertador para uma hora antes, para que pudesse jogar um pouco, tomar o pequeno-almoço com o pai e a mãe e preparar-se sem pressa. E o brinquedo preferido na mão serviu para que sentisse menos o afastamento. Também me ajudou gerir a minha ansiedade racionalmente, de modo a manter um relacionamento são com ela e o diálogo com educadoras e com os pais. Tomava nota de tudo o que acontecia para transmiti-lo aos pais, tornando-os assim participantes das pequenas conquistas de autonomia.

* Vice-Presidente da Associação AFN Onlus

A escola de que gostamos

Hoje em dia, vivemos num contexto cultural em que se aprecia muito o agir individual e, se possível, ser o melhor. A estes dons associam-se a excelência e o mérito, valores que se pretende atingir e ver reconhecidos. Proponho aqui uma reflexão.

Na escola, a experiência do “sucesso” tem um papel fundamental. A nota premeia o nível obtido em cada prova, mas age também como mola motivacional. Pode-se estudar “para a nota”, porque esta me dá acesso ao reconhecimento social. Também se pode estudar apenas o suficiente para não ter uma “má nota” evitando assim consequências desagradáveis na escola ou em casa. Finalmente, pode-se procurar obter “a melhor nota”, mas fazendo-o em competição com os outros.

Em todo o caso, enfrentar a realidade do estudo motivados apenas pelo reconhecimento externo torna-se muito parcial e corre-se o risco de ter mais prejuízos do que benefícios. Nós não nos deixamos mobilizar exclusivamente por aquilo que é recompensado, antes empenhamo-nos muito mais, sem cálculos utilitários, por aquilo que é, em si, uma recompensa, prescindindo de qualquer vantagem prática que daí possa advir. Há coisas que sentimos serem muito importantes e que fazemos unicamente pelo prazer de as fazer ou por uma paixão que nos anima: têm sentido para nós, sentimos que nos recompensam o esforço. Ora, uma motivação baseada no reconhecimento externo não mobiliza a dimensão interior da pessoa; portanto, não constrói a independência, a autonomia, a confiança nas próprias possibilidades, todos aqueles valores que desejamos conquistar.

Seja como for, a competição é um fator a não descurar. Sentir-se capaz de enfrentar provas competitivas, saber gerir o stress, apelando para a própria vontade e determinação além dos próprios conhecimentos e competências, tolerar a frustração por causa de um insucesso e fazer disso um tesouro, em vez de se deixar abater – tudo isto são experiências fundamentais. Uma escola demasiado facilitadora e tolerante não ajuda.

Portanto, não se trata de recusar a competição, mas sim mudar o contexto em que ela é exigida. É importante que o sucesso seja visto como fruto da responsabilidade pessoal, e não confronto com os colegas. Em vez de implementar a confrontação, vale mais favorecer a partilha da responsabilidade do sucesso. Isto é possível quando existe uma finalidade geral que o grupo sente que é importante. Neste caso, o desenvolvimento das competências individuais não estão em oposição ao desenvolvimento das competências dos outros.

A consideração do valor da pessoa – de todas as pessoas, sejam quais forem as suas histórias individuais – cria uma escola que é também uma comunidade educativa. Na medida em que é acolhedora, a escola pode difundir convivialidade relacional, entretecida pela linguagem dos afectos e das emoções. Deste modo, a escola, ao mesmo tempo que realiza a tarefa de ensinar a aprender, desempenha também a função de ensinar a ser. A autorrealização pessoal está estreitamente ligada à necessidade de pertença e não se consegue atingi-la, se as pessoas não se sentirem acolhidas.

A educação para o acolhimento, para o encontro, para o diálogo, para a reflexão crítica na relação consigo mesmo e com a comunidade de pertença, tudo isso representa um itinerário que é preciso percorrer com cada vez mais consciência e intensidade, se se quiser fazer com que a escola seja uma realidade verdadeiramente significativa e fonte de prazer para todos os estudantes.

* *Diretor da Escola de alta formação EIS de Lumsa*